Cálculo da paridade do milho brasileiro para exportação

Cotação abril 1997, Bolsa de Chicago:	US$118,58/t
Prêmio:	US$12,00/t
Receita FOB porto no Brasil:	**US$130,58**
Frete interno (500km):	US$23,33/t
Despesas portuárias:	US$9,00/t
Quebra:	US$0,43/t
Corretagem cambial:	US$0,50/t
Classificação/expedição:	US$3,46/t
Comissões e taxas:	US$0,50/t
Total custos internos:	**US$37,22/t**
Receita líquida:	US$93,36/t
Taxa cambial:	R$1,06/ US$1,00
Receita líquida:	**R$5,94/60 kg**

comporta-se até o momento com total tranqüilidade.

Há uma explicação para este fato. Aparentemente, os agentes desse mercado passaram a considerá-lo de forma diferente, desde as rápidas e profundas mudanças registradas no curto espaço de poucos meses a partir de maio de 1996. A ação radical do governo, visando a estancar o forte aumento dos preços que se ensaiava naquele mês, e a retração violenta do ritmo da avicultura de corte tiveram o efeito de reverter totalmente as expectativas especulativas, tendo inclusive gerado conseqüências depressivas mais profundas do que as próprias autoridades haviam planejado.

No momento, não se pode perder de vista os números finais para a safrinha — que só serão conhecidos ao início do segundo semestre e servirão para compor o quadro definitivo de oferta do grão na temporada atual — e a tendência da demanda comercial de rações.

A respeito deste último fator, o que se sabe até o momento é que a avicultura de corte mantém-se numa posição cautelosa, evitando prejudicar as margens de lucratividade realcançadas desde os fortes prejuízos realizados em 1995. Segundo dados da Associação Paulista de Avicultura (APA), a produção de carne avícola em 1997 deverá suplantar a precedente em até 3,5%.

Pelo lado da suinocultura, o quadro não é muito diferente, pois a produção comercial prevista está muito próxima de 1,52 milhão de toneladas, como no ano passado.

IRENE RAGUENET TROCCOLI

SOJA

Sem ICMS, mais grãos, menos farelo e óleo para exportação

Enquanto o mercado internacional permanece atrativo, as exportações brasileiras passam por processo de mudança estrutural, acelerando-se as vendas de grãos e o farelo e o óleo perdendo terreno. As conseqüências da alteração precisam ser muito bem avaliadas.

O café e a soja lideraram as exportações agrícolas brasileiras, no primeiro quadrimestre. As vendas externas de café em grão atingiram US$905 milhões, aumentando 164,6% sobre o mesmo período de 1996. A soja em grão amealhou US$628 milhões, com crescimento de 83,6%. De acordo com dados do Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo, os principais produtos agropecuários (café, soja, carne de frango, fumo em folhas, couros e peles, açúcar bruto e suco de laranja) superaram em 43,4% os US$2,54 bilhões da mesma época do ano passado, alcançando US$3,64 bilhões, ou 17,4% das vendas do país ao exterior este ano.

No caso da soja, verificou-se grande descompasso entre as vendas do grão (de que já se esperam exportações totais de cerca de 8 milhões de toneladas) e as do farelo. As deste último totalizaram US$660 milhões e foram apenas 7,32% maiores do que as de um ano atrás. Este fato tinha sido antecipado nas análises sobre o desempenho do complexo da soja, desde o momento em que se desgravaram do ICMS as exportações do grão. Em relação a abril de 1996, o mesmo mês de 1997 registrou exportações de grãos 80,2% maiores, de farelo 29,5% maiores e do óleo 22% menores, com receitas de US$463 milhões, US$325 milhões e US$78 milhões, respectivamente.

Tal situação promove amplas mudanças na própria estrutura das atividades ligadas à soja, podendo-se esperar maior competição pelo grão no mercado interno, o que elevará seus preços e ampliará as importações, pa-

Brasil — consumo do complexo da soja — anos comerciais*

1988/89 a 1997/98 — em mil t

Ano comercial	Grão	Farelo	Óleo
1988/89	15.033	2.191	1.959
1989/90	17.557	2.909	2.220
1990/91	16.645	2.839	2.011
1991/92	14.257	3.125	2.073
1992/93	16.071	3.350	2.156
1993/94	18.315	3.801	2.342
1994/95	20.386	4.299	2.400
1995/96	22.299	5.100	2.449
1996/97	21.550	5.500	2.475
1997/98	22.400	5.700	2.500

Fonte: USDA, março de 1997.
* O ano comercial internacional inicia-se em fevereiro e termina em janeiro.

ra que se mantenha funcionando o parque de esmagamento.

É preciso destacar, também, que as importações começam a chamar a atenção. No primeiro trimestre, foram trazidas de fora do país 160,2 mil toneladas do grão, mais 47% do que as 109,2 mil de um ano antes. Em 1996, não foi importado farelo no primeiro trimestre e, em 1997, foram compradas fora 55,4 mil toneladas, até fins de março, o equivalente a 70% de tudo que se importou de farelo em 1996. Do óleo, compraram-se menos 32,3 mil toneladas, ante as 60,1 mil do ano anterior.

Criou-se ansiedade no setor, com a aventada adoção, no segundo semestre, de taxação sobre as exportações de soja em grão. As hipóteses do desenvolvimento próximo da atividade dão conta de maiores ganhos para a agricultura e necessária adaptação da indústria a um tempo de valorização da agricultura, caso não haja intervenção governamental.

A própria receita do complexo fica prejudicada, já que se está ampliando a venda de produto de menor valor adicionado e aumentando as compras não só do grão, mas também do óleo. Assim, a receita cambial permanecerá superior à de 1996, em razão da maior safra e das cotações internacionais favoráveis, mas não haverá ganho substancial na receita líquida.

Para tentar resolver ou atenuar o problema em 1998, discussões nos estados levaram às propostas de retirada do ICMS nas transações interestaduais ou de adoção de nova estrutura tributária para soja e derivados, talvez adaptando o modelo argentino (pouca taxação, de 3,5% para o grão e nenhuma para os derivados, com bônus de 1,4% para o óleo exportado). A primeira medida não seria aprovada no Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz), pois prejudicaria fortemente os cofres dos estados do Centro-Oeste. A segunda teria de ser bem balanceada, para não desgastar o governo junto aos produtores.

As indústrias estão ansiosas com as perspectivas abertas de encarecimento do grão brasileiro e do aumento das importações.

Para a adequação à nova realidade, novas práticas começam a aparecer. Por exemplo, o Banco do Brasil anunciou convênio com importante grupo da área de alimentos, que permite a este último emitir notas promissórias rurais no valor da soja adquirida, pagando ao sojicultor com a própria NPR, a ser descontada em qualquer agência do banco. A empresa recebe prazo de 120 dias e juros de 12% ao ano e o produtor rural é garantido pelo banco.

No exterior, o mercado permanece influenciado pelas estimativas quanto ao plantio norte-americano, que segue mais adiantado do que na safra passada, absorvendo as estatísticas da colheita sul-americana. A quebra da safra gaúcha, um fator de alta, foi estimada pela Fecotrigo em 20%, com a produção de 4,6 milhões de toneladas ficando bem abaixo das 5,7 milhões esperadas.

Na Argentina, esperavam-se até 14 milhões de toneladas, mas a estiagem fez baixarem os cálculos para algo próximo de 12,5 milhões.

Nos EUA, ora se imagina que o plantio de soja poderá ser favorecido por problemas climáticos sobre outras lavouras, ora se teme que o clima úmido verificado em maio em amplas regiões prejudique a sojicultura.

O relatório de maio, do USDA, reduziu um pouco (0,8%) a estimativa da safra mundial, mas manteve o nível dos estoques norte-americanos em 16,74 milhões de toneladas, o que contraria as expectativas do mercado, que contavam com estoques inferiores (até 10% menores).

De positivo, apesar dos relatórios do USDA terem projetado plantio elevado, há outros relatórios do mesmo órgão considerados positivos, como o do expressivo aumento do confinamento bovino no mês de abril (acréscimo de 13% sobre abril de 1996).

Os próximos meses apresentarão, até agosto pelo menos, preços bastante atraentes na Bolsa de Chicago. A partir de setembro, tudo dependerá da nova safra norte-americana. Para os agricultores brasileiros, a situação é favorável, portanto, tanto interna quanto externamente. A indústria, porém, pensa de modo diferente.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA